

## **A CRÍTICA BENJAMINIANA DO PROGRESSO BURGUESES**

*Jose Idelande Bezerra Viana*

*Pedro Claesen Dutra Silva*

### **RESUMO**

Este artigo apresenta a crítica de Walter Benjamin ao progresso difundido pela Social-Democracia na Alemanha do início do século XX, possui como texto basilar As teses sobre o Conceito de História escritas em 1940, onde a teologia traz a apreensão norteadora para a luta de classes, que é integrada a análise política que demonstra o passado não redimido e que ainda busca sua redenção, motivo que leva em conta a plenitude do tempo que torna o passado atualizável em cada tempo de agora. Para isso, a revolução exerce papel indispensável para desmitificar o reacionarismo da transmissão da história e reconstruí-la através da sedição interruptiva e messiânica sobre a linearidade do seu trajeto, na qual deve ser reconstruída segundo a ótica dos oprimidos, sob a face antinômica da apocatástases no anjo da história é verificada a ideia de progresso no curso histórico, além da luta de classes buscando sua alforria. Também é exposto o contexto antagônico da militância da Social-Democracia sobre os direitos sociais da sociedade alemã e seu consenso parlamentar com a direita. As teorias de aspectos neokantistas de Conrad Schmidt e de Karl Vorländer que integrava o escopo doutrinário do referido partido como orientação política à classe trabalhadora, fez com que ela sucumbisse ao dogma do progresso técnico na acepção soteriológica para a humanidade resultando na derrota da luta do proletariado. Para que as teses sejam melhores interpretadas, já que elas fazem alusões de forma subjacentes aos acontecidos e outros em risco de acontecer no vigente tempo benjaminiano, os fatos históricos são dissertados.

**Palavras-chave:** Benjamin. Teologia. Crítica. Progresso. Social-Democracia.

### ***BENJAMIN'S CRITIQUE OF BOURGEOIS PROGRESS***

#### ***ABSTRACT***

*This work presents Walter Benjamin's critique of the progress spread by Social Democracy in Germany at the beginning of the 20th century. , which is integrated with a political analysis that demonstrates the unredeemed past and that still seeks its redemption, a reason that takes into account the fullness of time that makes the past updatable in each time of now. For this, the revolution plays an indispensable role in*

Mestrando do programa de pós-graduação em Filosofia da UECE. Bacharel em serviço social. Brasileiro, residente em Icó-CE. Email: iderlande7@gmail.com

Doutor em políticas e formação humana pela UERJ. Mestre em educação brasileira pela UFC. Graduado em Ciências Sociais. Professor da UECE. Brasileiro, residente em Quixadá-CE. Email: pedro.silva@uece.br

*demystifying the reactionary nature of the transmission of history and rebuilding it through interruptive and messianic sedition on the linearity of its path, in which it must be rebuilt according to the perspective of the oppressed, under the antinomic face of apocatastasis in the angel of history the idea of progress in the historical course is verified, in addition to the class struggle seeking manumission. The antagonistic context of Social Democracy's militancy on the social rights of German society and its parliamentary consensus with the right will also be exposed. The theories of neo-Kantist aspects by Conrad Schmidt and Karl Vorländer, which were part of the doctrinal scope of the said party as a political orientation for the working class, caused it to succumb to the dogma of technical progress in the soteriological sense for humanity achieved in the defeat of the proletariat's struggle. In order for the theses to be better interpreted, since they make underlying allusions to adolescents and others at risk of happening in the current Benjaminian time, the historical facts are discussed.*

**Keywords:** Benjamin. Theology. Criticism. Progress. Social-Democracy.

## 1 Introdução

Benjamin tenta pensar uma tradição dos oprimidos que não estivesse nivelada com a continuidade homogênea da história dos opressores, mas que assentada na ideia da descontinuidade promovida pela inovação e interruptiva da história dos vencidos, pois essa nova história deve identificar o passado como uma só catástrofe gerada pela tempestade do progresso, como está no enfoque crítico do anjo da história.

Neste sentido, "o progresso não se estende simplesmente para o futuro, mas depende da maneira como o passado é apropriado". Por isso, toda preocupação de Benjamin é instaurar um conceito de história que evite qualquer cumplicidade a interesses políticos. (SILVA, 2011, p. 13)

Konder (1999) afirma que a história não é um movimento linear, é marcada de rupturas, de fatos que poderiam terem acontecido de forma diferentes, entretanto, isso não vem significar que a história seja absurda, que ela não faça nenhum sentido, mas seu significado vem da construção feita pelos homens, não podendo ser entendida que ela foi estruturada antes dos indivíduos tomarem suas escolhas e suas decisões.

Mestrando do programa de pós-graduação em Filosofia da UECE. Bacharel em serviço social. Brasileiro, residente em Icó-CE. Email: iderlande7@gmail.com

Doutor em políticas e formação humana pela UERJ. Mestre em educação brasileira pela UFC. Graduado em Ciências Sociais. Professor da UECE. Brasileiro, residente em Quixadá-CE. Email: pedro.silva@uece.br

Na tese oitava, Benjamin critica a socialdemocracia em relação a sua luta contra o fascismo, "a chance deste consiste, não por último, em que seus adversários o afrontem em nome do progresso como se este fosse uma norma histórica", isso é, a não intervenção revolucionária do proletariado, por que segundo o entendimento da socialdemocracia, o próprio movimento histórico, mediante as consolidações propositivas da política derrotaria o fascismo e o capitalismo.

## **2 A Reflexão sobre o Anjo da História**

A consonância entre teologia messiânica e a crítica política de Benjamin imbrica outra questão da linguagem epistemológica como se consta na inferência da alegoria do anjo da história que elenca vários significados, cujas nuances expõem a crítica ao progresso, o passado histórico dos oprimidos no anseio pela redenção, a antinomia da apocatástasis no referido contexto, o espanto e o conformismo do progresso político, são elementos que instiga ao historiador benjaminiano a formular outro conceito de história, a que se interpõe a apoteose épica do historicismo.

No refletir filosófico de Benjamin, a alegoria exerce uma forma plausível de falar ou de representar as coisas, pois essa expressão figurada que estrutura a forma de interpretação na própria linguagem, cria uma face possibilitante daquilo que se almeja falar, de modo que o aspecto transcendental não está fora da sua contextualidade, na qual ela vem proporcionar as condições do entendimento a respeito do passado e de suas mudanças com significados na história, favorecendo uma contínua substituição particulares de dispares, porque as coisas e ocorrências não se encontram situadas lado a lado sem nenhum sentido, "mas, antes, referem-se umas às outras". Por isso, a alegoria tem a função tanto de falar da realidade das coisas, como de transformar e sustentar os significados numa realidade presente". (SILVA, 2011, p. 8)

A formulação filosófica benjaminiana busca compreender a alegoria enquanto categoria esteticista, de tal modo, ele entende que essa forma de expressividade é capaz de compreender adequadamente a atualidade dos fenômenos históricos. Por outro lado, ele afirma que o símbolo não da conta disso porque está determinado através de um saber absoluto. O conceito benjaminiano de símbolo, está fincado na

Mestrando do programa de pós-graduação em Filosofia da UECE. Bacharel em serviço social. Brasileiro, residente em Icó-CE. Email: iderlande7@gmail.com

Doutor em políticas e formação humana pela UERJ. Mestre em educação brasileira pela UFC. Graduado em Ciências Sociais. Professor da UECE. Brasileiro, residente em Quixadá-CE. Email: pedro.silva@uece.br

unidade lexical do elemento sensível e do supra-sensível, constituindo seu paradoxo, entretanto, o símbolo teológico não deve ser entendido como um simples vínculo entre manifestação e essência, porque interpretando de tal forma acaba por indicar apenas sua impotência.

Essa fragilidade do símbolo se encontra na sua totalidade momentânea, em outros termos, o conceito baixa no mundo físico, de modo que a imagem pode ser visualizada de forma imediata em si, pois o símbolo é a própria ideia sensível, corpórea, em contra partida, a alegoria é um conceito geral. "A medida temporal da experiência simbólica é o instante místico, na qual o símbolo recebe o sentido em seu interior oculto, por outro lado, a alegoria não está livre de uma dialética correspondente". (PEREIRA, 2007, p. 8)

Na arte plástica o símbolo plasma o conceito denotativo do transcendental, isso é, adapta a sua forma, não aspira ao excessivo, como dito antes, restringe a si mesmo, do contrário da alegoria que possui a correspondente dialética, como Benjamin fundamentou no anjo da história com as nuances conotativas despostas adiante.

Contra-pondo a ideia de arte plástica do símbolo, referindo-se ao anjo da história, elucida (LÖWY, 2005, p. 48), "os escombros tratados aqui não são, como entre os pintores ou poetas românticos, um objeto de contemplação estética, mas uma imagem dilacerante das catástrofes, dos massacres e de outros "trabalhos sanguinários" da história".

Existe um quadro de Klee intitulado "Angelus Novus". Nele está representado um anjo, que parece estar a ponto de afastar-se de algo em que crava o seu olhar. Seus olhos estão arregalados, sua boca está aberta e suas asas estão estiradas. O anjo da história tem de parecer assim. Ele tem seu rosto voltado para o passado. Onde uma cadeia de eventos aparece diante de nós, ele enxerga uma única catástrofe, que sem cessar amontoa escombros sobre escombros e os arremessa a seus pés. Ele bem que gostaria de demorar-se, de despertar os mortos e juntar os destroços. Mas do paraíso sopra uma tempestade que se emaranhou em suas asas e é tão forte que o anjo não pode mais fechá-las. Essa tempestade o impele irresistivelmente para o futuro, para o qual dá as costas, enquanto o amontoado de escombros diante dele cresce até o céu. O que nós chamamos de progresso é essa tempestade. (BENJAMIN: Tese IX)

Nesse contexto é possível identificar a inaceitabilidade no espanto do anjo mormente ao conformismo político, a cadeia de eventos numa só catástrofe, cuja

Mestrando do programa de pós-graduação em Filosofia da UECE. Bacharel em serviço social. Brasileiro, residente em Icó-CE. Email: iderlande7@gmail.com

Doutor em políticas e formação humana pela UERJ. Mestre em educação brasileira pela UFC. Graduado em Ciências Sociais. Professor da UECE. Brasileiro, residente em Quixadá-CE. Email: pedro.silva@uece.br

origem se localiza no passado e se estende até o presente. Essa cadeia representa as derrotas dos oprimidos como comprova a sétima tese, quando destaca que todo documento histórico está marcado pela barbárie, por esse motivo o anjo gostaria de demorar para acordar os mortos e juntar os destroços para reconstruir a história, assim os advertiria que eles estariam em perigos porque os inimigos não cessam de vencer, daí decorre a importância de arrancar da tradição o conformismo político para que a sociedade não se torne instrumentos da classe dominante.

A ideia paradisíaca de onde o vendaval impele a cadeia de eventos para o futuro, evoca uma forma de análise de aspecto antropológica compreendendo o paraíso como os primórdios da civilização, período em que se localiza a sociedade sem classe, de onde partiu o desenvolvimento da técnica no curso do progresso da humanidade, pois foi através dela que os homens começaram a subjugar uns aos outros, essa cadeia de eventos também significa a luta de classes entre opressores e oprimidos no curso da história.

Provavelmente Benjamin também se opôs de forma implícita a filosofia da história de Hegel que estava em consonância com a ideia de progresso da socialdemocracia. O pensamento hegeliano legitimava "cada "ruína" e cada infâmia histórica como etapa necessária da marcha triunfal da Razão, como momento inevitável do Progresso da humanidade rumo à Consciência da Liberdade", (LÖWY, 2005, p. 48), por isso a atitude filosófica benjaminiana consistia em reverter esse entendimento da história, onde ele desmistifica essa forma de progresso, fixando nesse âmbito um olhar marcado por uma dor profunda, inconsolável além de estabelecer uma revolta moral ocasionada pelo amontoado de escombros.

Ao observar a figura do anjo, cujo olhar está fixado no passado, com as costas voltadas para o futuro devido ao vendaval que prende suas asas, pontua-se o seguinte esclarecimento: "O futuro, de fato, para a tradição místico-judaica tão cara a Benjamin não está sob o domínio dos homens. Sob o domínio dos homens estaria apenas o passado", (LEITE, 2013, p. 168), passado que se reflete na expressão facial do anjo como crítica ao historicismo, cuja noção de progresso vem estabelecer uma relação de empatia com os vencedores que marcharam na história sobre os cadáveres dos vencidos que se encontram expostos diante do anjo. Nessa marcha fúnebre, como de

Mestrando do programa de pós-graduação em Filosofia da UECE. Bacharel em serviço social. Brasileiro, residente em Icó-CE. Email: iderlande7@gmail.com

Doutor em políticas e formação humana pela UERJ. Mestre em educação brasileira pela UFC. Graduado em Ciências Sociais. Professor da UECE. Brasileiro, residente em Quixadá-CE. Email: pedro.silva@uece.br

praxe, triunfantemente os vencedores carregam a presa que Benjamin aponta como bens culturais.

Eles terão de contar, no materialismo histórico, com um observador distanciado, pois o que ele, com seu olhar, abarca como bens culturais atesta, sem exceção, uma proveniência que ele não pode considerar sem horror. Sua existência não se deve somente ao esforço dos grandes gênios, seus criadores, mas, também, à corvéia sem nome de seus contemporâneos. (BENJAMIN, Tese VII).

A análise de Jennings (2021, p.11) afirma que as ideologias dos poderosos, são por natureza mais mutáveis que as ideias dos oprimidos. Porque eles não apenas têm que se adaptar, como as ideias destes últimos, a cada situação específica de conflito social, mas ainda tem que transfigurar essa situação como sendo, no fundo, harmoniosa.

Harmonia que deve ser interpretada como possibilidade de interpretação, pois no refletir benjaminiano essa consonância está localizada no encontro do passado com o presente, a luta dos antepassados que prevalece buscando a redenção.

Segundo Benjamin, a observância da linearidade de aspecto progressista da história impossibilita que o anjo junte os fragmentos, pois eles pertenceriam a um só objeto daquilo que esteve no passado, por isso, enquanto a história for concebida como uma linha ascendente, não há como reconstituir tal objeto. O espanto do anjo também está arremetido ao repúdio benjaminiano a postura progressista da história, cujo pecado se atribui ao desprezo as vozes do passado e a crença da inevitabilidade dos fatos, como alegava a social democracia.

A estrutura da alegoria do anjo da história possui uma correspondência entre a o sagrado e o profano, a teologia e a política. O profano está atribuído ao progresso, a tempestade que sopra do paraíso, a catástrofe que se amontoa com escombros no curso histórico, podendo ser considerado como o fator que vem instigar a humanidade a buscar o paraíso perdido, ou seja, a luta proletária que está incumbida de instaurar a sociedade utópica, a parte que integra a correspondência da crítica política da nona tese. (LÖWY, 2005)

No que tange a apreensão a respeito da ideia do progresso como norma histórica, a crítica de Benjamin se integra a arte literária baudelariana para expor o eterno retorno do arcaico revestido do moderno no ciclo do progressismo que está associado a cadeia de eventos do anjo da história. No Exposé de 1935, o filósofo

Mestrando do programa de pós-graduação em Filosofia da UECE. Bacharel em serviço social. Brasileiro, residente em Icó-CE. Email: iderlande7@gmail.com

Doutor em políticas e formação humana pela UERJ. Mestre em educação brasileira pela UFC. Graduado em Ciências Sociais. Professor da UECE. Brasileiro, residente em Quixadá-CE. Email: pedro.silva@uece.br

menciona um poema de Charles Baudelaire, "Os Sete Velhos" que está no livro, *As Flores do Mal*. Nesse contexto ele emprega a teologia para demonstrar que "as punições do inferno representam a última novidade de todos os tempos, "penas eternas e sempre novas". (BENJAMIN, 2013, p. 33)

As Teses sobre o Conceito de História foi escrito em 1940 e o Exposé em 1935, entre 1927 a 1930 Benjamin escreve as Passagens, onde a crítica sobre o eterno retorno está anotada no trecho <G°, 17> e no posterior que afirma:

"O sempre-novo não é o velho que permanece, tampouco o já ocorrido que retorna, e sim uma e a mesma coisa entrecruzada por inúmeras intermitências". (BENJAMIN: Passagens: <G°, 19>)

A ideia de progresso destrói a natureza de criação. A ciência quer universalizar tudo perdendo, de fato, a história original. Tudo se torna tão automático que as coisas se repetem sempre. É preciso construir outra mão, escapar ao eterno devir imposto pela concepção historicista de um tempo homogêneo e vazio. (IBIAPINA; LIMA, 2016, p. 10)

Aqui a tarefa do messias é de executar aquilo que o anjo não é capaz de promover, deter a tempestade, juntar os cacos da história para restituir a humanidade o paraíso perdido, precisamente a sociedade utópica. Cardoso (2015), traz a análise exponencial segundo a filosofia benjaminiana a respeito das categorias político-teológicas que cristaliza o mero acontecimento na história, fazendo delas o que Benjamin pontua como história. Nesse âmbito o papel primordial da teologia é de promover a restauração da revelação perdida.

Esse princípio teológico] parte da ideia de que os homens perderam a oportunidade oferecida pela Revelação, e que a tarefa da teologia é a restauração da Revelação perdida. Isto seria, naturalmente, um dogma, ou seria, se assim quiserem, teologia pura. É claro que Benjamin não faz uma coisa dessa transformação. O que ele faz é justamente precisar esta tarefa da teologia como tarefa do materialismo histórico. (CARDOSO, p. 77, 2015)

A fusão da teologia com a história caracteriza o pensamento benjaminiano no que diz respeito a investigação crítica, pois ao concentrar sua análise de história nos elementos do passado, esse filósofo considera que tais elementos estão abertos, em

Mestrando do programa de pós-graduação em Filosofia da UECE. Bacharel em serviço social. Brasileiro, residente em Icó-CE. Email: iderlande7@gmail.com

Doutor em políticas e formação humana pela UERJ. Mestre em educação brasileira pela UFC. Graduado em Ciências Sociais. Professor da UECE. Brasileiro, residente em Quixadá-CE. Email: pedro.silva@uece.br

um movimento que busca a redenção no dia do Juízo final, isso é, o triunfo dos oprimidos sobre os opressores.

Benjamin, ao valorizar o passado, não somente queria inserir o oprimido na tradição, mas também demonstrar uma história criadora de tradição. E, por isso, que o passado precisa ser "redespertado". Nesta perspectiva, a tentativa de Benjamin de utilização de uma hermenêutica messiânica procura unir, dar coesão e completude, àquilo que foi "esquecido" na história e, com isso, redimir o sofrimento do passado e proporcionar uma libertação para o homem. (SILVA, 2011, pp. 6-7)

Esquecimento que está atribuído a luta dos oprimidos em busca da redenção. No tocante o que foi comentado antes sobre a crítica de Benjamin vinculada a ideia baudelariana, não há dúvida que ele estava se opondo a estrutura capitalista assentada nas inovações de mercadorias, entretanto, esse eterno retorno também está vinculado o mau uso da técnica na história que mantém o antagonismo de classe, corroborando com o desencadeamento ininterrupto do massacre dos subalternos, o amontoador de escombros que vem do passado em uma só catástrofe.

Esse eterno retorno que alavanca os escombros sobre a humanidade, está correlacionado com a doutrina da apocatástase, onde entra o conformismo político preconizado pela socialdemocracia como norma histórica, ideia que rejeita o intervencionismo revolucionário, pois entendendo a apocatástase como um curso inevitável que proporcionará a redenção da humanidade, ela acredita a técnica, precisamente os avanços tecnológicos como uma espécie de messias que levará o socialismo a triunfar sobre o capitalismo.

Benjamin evoca a simpatia de Lesskov pelas especulações originistas relativas à apocatástase, ou seja, à salvação final de todas as almas, sem exceção. A redenção, o Juízo Final da tese III, é então uma apocatástase no sentido de que cada vítima do passado, cada tentativa de emancipação, por mais humilde e "pequena" que seja, será salva do esquecimento e "citada na ordem do dia", ou seja, reconhecida, honrada, lembrada. (LÖWY, 2005, p. 29)

Com isso é possível identificar uma ambivalência na apocatástase no pensamento benjaminiano; primeiro as lutas persistentes dos oprimidos que sempre estiveram vivas na história em busca da redenção; segundo, o trajeto histórico

Mestrando do programa de pós-graduação em Filosofia da UECE. Bacharel em serviço social. Brasileiro, residente em Icó-CE. Email: iderlande7@gmail.com

Doutor em políticas e formação humana pela UERJ. Mestre em educação brasileira pela UFC. Graduado em Ciências Sociais. Professor da UECE. Brasileiro, residente em Quixadá-CE. Email: pedro.silva@uece.br

impulsionado pela tempestade, onde se verifica a necessidade de interrupção revolucionária para consolidar o Reich der Freiheit de Marx. Se uma implica na alforria da humanidade, a outra a conduz para o cataclismo universal devido ao conformismo político que implica na maneira em que se transmite a tradição.

"O conceito de apocatástase, de Orígenes a Schleiermacher, passando por Grégoire de Nysse, Scot Erigène e pelos anabatistas, tem um duplo alcance: a restituição do passado é ao mesmo tempo um novum [algo novo". (LÖWY, 2005, p. 30).

Para que haja o rompimento da história da catástrofe através da revolução, o historiador deve embeber-se das imagens teológicas e messiânicas em Benjamin para formular um novo conceito de história em que o sujeito do conhecimento é a própria classe oprimida, de modo que o conceito originista seja tomado como senda por onde o passado se atualize no presente como possibilidade de redenção em nome dos vencidos.

Apocatástase significa o retorno de todas as coisas ao seu estado originário, o restabelecimento do paraíso através do messias. Se de um lado essa teologia de aspecto originista em Benjamin, valida a luta dos oprimidos em busca da liberdade, por outro, a crítica política expõe o conformismo arrastado pela tempestade.

Benjamin, em 1918, quando escrevia sua tese de doutorado na Suíça, através da leitura obtida de três volumes sobre a "História do Dogma" do teólogo liberal, Karl von Harnack, teve contato pela primeira vez com a doutrina originista que mais tarde veio influenciar na sua filosofia, nessa esfera de pensamento, ele coloca a teologia a serviço da política para que o materialismo histórico triunfe.

É certamente significativo que Benjamin se debruçou sobre Harnack enquanto estava em seu auto-imposto exílio. Harnack não era apenas o mais importante teólogo liberal no mundo de fala alemã; ele era também algo como teólogo oficial do Império. Foi Harnack quem escreveu o discurso lido pelo Kaiser em 1914 declarando o início da guerra. Agora que Benjamin empreendeu o trabalho preparatório para sua tese de livre docência sobre o Trauerspiel, releu esses pesados volumes. Embora possamos traçar um notável número de impulsos que advém da leitura de Harnack, um nos é de especial importância: ali ele encontrou pela primeira vez a teologia de Orígenes de Alexandria (185 - 254), um dos pais fundadores. E uma ideia central de sua teologia era o conceito de apocatástases. (JENNINGS: 2021, p. 10)

Mestrando do programa de pós-graduação em Filosofia da UECE. Bacharel em serviço social. Brasileiro, residente em Icó-CE. Email: iderlande7@gmail.com

Doutor em políticas e formação humana pela UERJ. Mestre em educação brasileira pela UFC. Graduado em Ciências Sociais. Professor da UECE. Brasileiro, residente em Quixadá-CE. Email: pedro.silva@uece.br

Na ideia originista a apocatástasis não é um instrumento divino para aplicar a punição eterna, mas uma forma gradativa de reparação, cujo fogo do juízo final atua como um purgatório necessário para uma restauração integral. É nessa vertente que Benjamin coloca o passado como um movimento em busca da redenção para redimir seus pecados.

Orígenes explica que a apocatástases na ênfase da natureza do ciclo histórico da salvação, revela sua dimensão cosmológica, isso é, o fim é sempre como o começo. Como existe o fim para todas as coisas, também há o início delas.

"E assim como há um fim para tantas coisas, o começo é fonte de uma variedade de coisas que, novamente, {...} são reunidas para um único fim, que é como o começo". (JENNINGS: 2021, p. 10, APUD Orígenes 1973, p. 58).

Entendendo que o movimento da apocatástases conduz as coisas para o fim e este sendo o início delas, o propósito da luta de classe está correlacionada com ela, ou seja, a busca do paraíso perdido para que possa ser restaurado.

De acordo com (Jennings, 2021), a doutrina originista ocorre apenas em um versículo da Bíblia cristã: "Convém que o céu receba até os tempos da restauração de todas as coisas, das quais Deus falou pela boca dos seus santos profetas, desde o princípio". Atos dos Apóstolos: 3.21.

Integrando esta análise com os versículos 19-24 no referido capítulo do referido livro, identifica-se o contexto messiânico assentado na plenitude dos tempos, ideia que Benjamin engendrou na sétima tese como o triunfo do messias sobre a forma em que se transmite a tradição do conformismo político: "pois o Messias não vem somente como redentor; ele vem como vencedor do Anticristo".

No contexto em aferição, localiza-se a crítica benjaminiana ao historicismo quando ele se contenta (conformismo) em estabelecer um nexos causal entre os diversos momentos da história, com isso o filósofo afirma que não existe causalidade dos surgimentos dos fatos, em outras palavras, que o movimento histórico não é mecânico, é realizado mediante a deliberação atitudinal dos homens.

Mas nenhum fato, por ser causa, já é, só por isso, um fato histórico. Ele se tornou tal postumamente, graças a eventos que dele podem estar separados por milhares de anos. O historiador que parte disso cessa de passar a

Mestrando do programa de pós-graduação em Filosofia da UECE. Bacharel em serviço social. Brasileiro, residente em Icó-CE. Email: iderlande7@gmail.com

Doutor em políticas e formação humana pela UERJ. Mestre em educação brasileira pela UFC. Graduado em Ciências Sociais. Professor da UECE. Brasileiro, residente em Quixadá-CE. Email: pedro.silva@uece.br

seqüência dos acontecimentos pelos seus dedos como as contas de um rosário. Ele apreende a constelação em que sua própria época entrou com uma determinada época anterior. Ele fundamenta, assim, um conceito de presente como tempo-de-agora, no qual estão incrustados estilhaços do tempo messiânico. (Benjamin: Tese A)

Vinculando esses elementos com o significado da tese subsequente, as contas do rosário, o incrustar dos estilhaços do tempo messiânico, encontra-se o significado sobre a chegada do messias no tempo do agora, que todo tempo é oportuno para o redentor triunfar, "pois nele cada segundo era a porta estreita pela qual podia entrar o Messias", de modo que o advento messiânico não pode ser encontrado no futuro porque não está sob o domínio dos homens, sob o domínio dos homens está o passado que se assenta sobre a rememoração dos vencidos.

Esse tempo oportuno não deve ser confundido como o oportunismo da socialdemocracia, cujo advento messiânico estava assentado na ideia de que o socialismo triunfaria através do curso natural da história, precisamente, a vitória que seria trazida gradativamente mediante as proposições da política.

### **3 Socialdemocracia na Alemanha**

Para entender a crítica de Walter Benjamin à socialdemocracia formulada nas Teses sobre o Conceito de História, é necessário apreender o contexto sócio-histórico que o instigou a se opor a realidade do conformismo político que estava assentado na ideia de progresso deliberado por esse partido alemão, exercendo papel significativa na luta em defesa do proletariado.

Benjamin não afirma nas páginas do seu escrito que a socialdemocracia não teve nenhum papel relevante na luta proletária, mas a sua crítica está voltada algumas questões pontuais, como por exemplo, o conformismo político, a creditação a técnica do trabalho, o abandono da revolução sediciosa, como está demonstrado adiante sobre a contradição política que abarcou a segunda metade do século XIX, estendendo-se para primeira metade do século posterior.

Ressalta-se que a socialdemocracia não foi apenas um partido político, mas também um movimento popular que orientava a classe trabalhadora com sua doutrina

Mestrando do programa de pós-graduação em Filosofia da UECE. Bacharel em serviço social. Brasileiro, residente em Icó-CE. Email: iderlande7@gmail.com

Doutor em políticas e formação humana pela UERJ. Mestre em educação brasileira pela UFC. Graduado em Ciências Sociais. Professor da UECE. Brasileiro, residente em Quixadá-CE. Email: pedro.silva@uece.br

política. No tocante a ideia de progresso como norma histórica, o conformismo político dos seus teóricos.

Na segunda metade do século XIX a Alemanha estava disputada por dois projetos políticos, um liberal e democrático, o outro era de cunho militarista e reacionário. Em 1849 as elites conservadoras liderada por Bismarck derrotam o ideal de uma Alemanha democrática. Posteriormente esse bloco delibera o processo de unificação nacional da Alemanha através da força militar, cujo intento unificador focava o desenvolvimento das forças produtivas. De modo que a Alemanha se tornou naquele período uma grande potência econômica da Europa, mas sob a égide da confederação liderada através da Prússia conservadora.

A pesar da crítica contundente de Walter Benjamin à socialdemocracia, na história daquele país ela teve sua importância quando lançou seu discurso contra o crescimento da pobreza dos trabalhadores durante o industrialismo alemão.

Nesse contexto histórico da Alemanha, o progresso colocava Igreja, Estado e política, em uma contenda onde os trabalhadores eram dispersados, isso é, não se localizava em um bloco coeso para o enfrentamento da exploração do trabalho. Isso veio proporcionar a divisão dos sindicatos dos e os que estavam sob orientação da Igreja Romana, buscavam formas de atuação para se contrapor ao avanço da ideologia socialista.

A propaganda socialista era combatida por meio de clubes apolíticos que se dedicavam a tarefas assistencialistas, religiosas, culturais, mas não conseguiam competir com os centros culturais e esportivos criados pela social-democracia. O pavor do socialismo fazia, inclusive, que em algumas regiões do país os patrões se unissem aos sindicatos católicos contra os sindicatos dominados pela social-democracia. (LOUREIRO, 2005, p. 31)

Nesse viés a socialdemocracia exerceu o papel de defensora da democracia, cujo enfoque de luta popular propugnava a participação da massa na política governamental, proposta que já se encontrava nas bases de suas origens que data da segunda metade do século XIX.

Ferdinand Lassalle cria a Associação Geral dos Trabalhadores Alemães em 1863, sua concepção da política estatista trazia no seu escopo o sufrágio universal, na esfera econômica, a criação de cooperativas de produção que deveriam serem

Mestrando do programa de pós-graduação em Filosofia da UECE. Bacharel em serviço social. Brasileiro, residente em Icó-CE. Email: iderlande7@gmail.com

Doutor em políticas e formação humana pela UERJ. Mestre em educação brasileira pela UFC. Graduado em Ciências Sociais. Professor da UECE. Brasileiro, residente em Quixadá-CE. Email: pedro.silva@uece.br

financiadas pelo Estado. August Bebel e Wilhelm Liebknecht fundam em 1869 o Partido Operário Social-democrata Alemão, seus programas e estatutos foram elaborados com bases marxistas por Bebel, mas o nome de Partido Social-democrata Alemão, SPD, só foi adotado em 1890. Enquanto Ferdinand Lassalle defendia a unificação da Alemanha sobre a orientação da Prússia, a organização operária centralizada, o partido de August Bebel e Wilhelm Liebknecht, criticava a unificação desse país sob a hegemonia prussiana.

Mesmo as proposições políticas tendo divergências, identifica-se no cerne da questão do enfrentamento hegemônico, a ideia primordial em comum entre si, o protagonismo político da classe oprimida que levaria a diante as transformações sociais, entretanto, nas origens da socialdemocracia já se encontrava a ausência da proposta de revolução proletária.

Em 1875, no Congresso de Gotha (56 delegados "marxistas" e 73 lassáleanos, que obtiveram a maioria na presidência), as duas organizações se uniram e adotaram um programa reformista, centrado nas reivindicações imediatas: sufrágio universal, voto secreto, liberdades democráticas e melhoria das condições de vida dos trabalhadores pela via parlamentar. Para grande aborrecimento de Marx e Engels, o programa de Gotha, com uma série de concessões aos lassaleanos, não fazia referência à revolução, ao caráter de classe do Estado, nem à análise de Marx do desenvolvimento capitalista. (LOUREIRO, 2005, p. 33)

Em 1877 a socialdemocracia elegeu 12 deputados, tornando-se o quarto partido político do Reich. Mesmo tendo propostas políticas que fugia da ortodoxia marxista, sua ocupação no poder legislativo ameaçava a hegemonia imperialista, por esse motivo Bismarck estabeleceu e promulgou a lei de exceção, 21 de outubro de 1878, para coagir a classe trabalhadora, proibindo o funcionamento das associações e publicações de jornais socialistas.

No período que corresponde outubro de 1879 a novembro de 1880, em território prussiano foram presas mais de 11 mil pessoas por motivo políticos, conflito que marca a fase heroica da socialdemocracia alemã que enfrentava a repressão, cuja estratégia enfocava o afastamento dos operários do socialismo, mas a socialdemocracia conseguiu sobreviver, crescendo de maneira camuflada dentro das associações eleitorais e culturais diversas.

Mestrando do programa de pós-graduação em Filosofia da UECE. Bacharel em serviço social. Brasileiro, residente em Icó-CE. Email: iderlande7@gmail.com

Doutor em políticas e formação humana pela UERJ. Mestre em educação brasileira pela UFC. Graduado em Ciências Sociais. Professor da UECE. Brasileiro, residente em Quixadá-CE. Email: pedro.silva@uece.br

De 1887 a 1890, a social-democracia duplicou seus votos, levando 35 deputados ao Reichstag. Quando Bismarck quis prorrogar a lei de exceção e fortalecê-la, o Reichstag recusou, e o partido voltou à legalidade, com 1,5 milhão de eleitores (18% do total). (LOUREIRO, 2005, p. 34)

É no Congresso de Erfurt de 1891 que foi adotado um novo programa, que foi validado até o início da Primeira Guerra Mundial. Ele expressava as características políticas da socialdemocracia: conquista do poder de forma gradual, reformas econômicas e sociais, são alguns dos seus elencos que corroborariam para a conquista do poder político e econômico do movimento operário. Salienta-se que Karl Kautsky, ex-secretário de Engels e teórico oficial da social-democracia alemã e internacional, foi o elaborador mais protuberante daquele programa.

Em 1913, a socialdemocracia ocupou o primeiro lugar da política no Reich, dos 397 deputados no Reichstag, ela possuía 110, nos parlamentos locais tinha 220 e 12 mil vereadores, atingindo em 1914 o número aproximado de um milhão de filiados, dentro da sua estrutura havia 30 mil militantes profissionais, 10 mil funcionários. Suas ideias eram difundidas por meio de 203 jornais com 1,5 milhão de assinantes, ela também continha dezenas de associações esportivas e culturais, movimentos de juventude, além de dirigir a central sindical mais poderosa - com 2,5 milhões de filiados.

O SPD mesmo sendo o maior partido político do Reichstag a partir de 1912, exercia pouco peso político naquela Alemanha que tinha a representação legislativa em um sistema arcaico, dominada pelos nobres prussianos nas Câmaras Altas (Landtag/Bundesrat), pois um socialdemocrata não tinha possibilidade de acender algum cargo alto, dentre eles o de ministro. Por tal motivo a socialdemocracia alemã formava um partido diferente em relação aos partidos dos países de democracia parlamentar.

A assertiva de Benjamin, tese XVII a, responsabiliza a socialdemocracia por ter desviado a classe operária do caminho da legítima revolução, para um ideal representativo da tarefa infinita até alcançar a sociedade sem classe orientada pela doutrina neokantiana. Empregando o conceito teológico inerente a sua filosofia, ele afirma com os seguintes termos:

Mestrando do programa de pós-graduação em Filosofia da UECE. Bacharel em serviço social. Brasileiro, residente em Icó-CE. Email: iderlande7@gmail.com

Doutor em políticas e formação humana pela UERJ. Mestre em educação brasileira pela UFC. Graduado em Ciências Sociais. Professor da UECE. Brasileiro, residente em Quixadá-CE. Email: pedro.silva@uece.br

Marx secularizou a representação do tempo messiânico na representação da sociedade sem classes. E estava bem assim. O infortúnio começou quando a socialdemocracia alçou essa representação a um ideal. O ideal foi definido, na doutrina neokantiana, como uma tarefa infinita. E essa doutrina era a filosofia elementar do partido socialdemocrata de Schmidt e Stadler a Natorp e Vorländer. (BENJAMIN, Tese XVII A)

Definindo a sociedade sem classes para ser alcançada por meio da tarefa infinita, o tempo homogêneo e vazio se transformava numa antessala, de onde podia esperar com serenidade uma situação oportuna para ser realizada a revolução deliberada pela doutrina socio democrata. Contrapondo a essa ideia, Benjamin evidencia que todo momento carrega em si a chance para o acontecimento da revolução, mas sua chance deve ser especificada na solução inteiramente nova em face de uma tarefa inteiramente nova. Isso implica dizer que Benjamin não está aludindo para a doutrina do oportunismo revolucionário que se encontrava dentro do pensamento da socialdemocracia, mas o que ele vem sugerir é a interrupção com essa tarefa infinita, onde o progresso expõe seu aspecto ideológico no conformismo político.

Rosa Luxemburgo (2002), traz na sua obra, o desdobramento da teoria errática de Conrad Schmidt que defendia que a luta sindical na sua época era um fraco estágio inicial para o enfrentamento ao capitalismo, na época a atividade dos sindicatos estava apenas enfocada no aumento do salário e na redução do tempo de trabalho, por isso, ele argumentava que por meio do desenvolvimento das reformas sociais até o infinito proporcionaria melhores condições de existência para classe proletária.

Indubitavelmente, a luta sindical já trazia no seu escopo a redução da carga horária de trabalho, o aumento do salário, mas a análise esclarecedora de Luxemburgo, mormente a ideia da técnica alcançar no futuro a derrocada do capitalismo, é refutada por sua própria estrutura desenvolvimentista, cujo expansionismo econômico busca meios para imprimir novas faces de adaptações que atenderão os interesses dos proprietários do modo de produção.

Se examinarem vários longos períodos de desenvolvimento social, é-se obrigado a constatar que, no conjunto, vamos enfrentar uma época não de expansão triunfante, mas de dificuldades crescentes para o movimento

Mestrando do programa de pós-graduação em Filosofia da UECE. Bacharel em serviço social.

Brasileiro, residente em Icó-CE. Email: iderlande7@gmail.com

Doutor em políticas e formação humana pela UERJ. Mestre em educação brasileira pela UFC.

Graduado em Ciências Sociais. Professor da UECE. Brasileiro, residente em Quixadá-CE. Email:

pedro.silva@uece.br

sindical. As reformas chocam-se algures com os limites dos interesses do capital. Claro que Bernstein e Conrad Schmidt consideram que o movimento sindical actual é um "fraco estágio inicial"; esperam, para o futuro, reformas que se desenvolvam até ao infinito, para maior bem da classe operária. Aí, cedem à mesma ilusão em que acreditam, quando consideram a expansão ilimitada do sindicalismo. Quando o desenvolvimento da indústria atingir o seu apogeu e o mercado mundial iniciar a fase descendente, a luta sindical tornar-se-á difícil: (LUXEMBURGO, 2002, pp. 9-10)

"Por consequência, nessa sociedade, as instituições formalmente democráticas reduzem-se, no seu conteúdo, a instrumentos dos interesses da classe dominante", (LUXEMBURGO, 2002, p. 13), ainda evidencia que sempre que a democracia possui tendências para negar seu carácter de classe dominante, e se torna instrumento dos interesses autênticos do povo, é sacrificada pela burguesia que usa a representação política do Estado para esse fim.

Portanto, quando Luxemburgo desmistifica a teoria política de Schmidt, entra em consonância com a filosofia política de Benjamin, porque, para que o socialismo possa triunfar é preciso haver a revolução proletária.

## **CONCLUSÃO**

A crítica de Benjamin tem como elemento central o conformismo político que havia caído sobre a classe proletária, pois os absurdos que sucediam no século XX, dentre eles a ascensão do nazismo ao poder, não causavam nenhum espanto filosófico nessa classe. Esse espanto não existe na maneira em que se transmite a tradição, porque são tomados como fatos naturais como preconizava a socialdemocracia alemã, isso é, que a própria história decorre um curso natural, não necessitando da intervenção humana para que ela seja modificada, por isso Benjamin propõe que o entendimento sobre a história seja conduzido pela reflexão sediciosa dos oprimidos.

No tocante a confiabilidade no mito do progresso, Benjamin entende que esse curso é um desvio das violações cometidas contra os oprimidos, cuja a inevitável macha mecânica da história dará conta de saná-las. Com isso, o filósofo evidencia que essa visão se aporta no positivismo fatalista, camuflada pelo aspecto

Mestrando do programa de pós-graduação em Filosofia da UECE. Bacharel em serviço social. Brasileiro, residente em Icó-CE. Email: iderlande7@gmail.com

Doutor em políticas e formação humana pela UERJ. Mestre em educação brasileira pela UFC. Graduado em Ciências Sociais. Professor da UECE. Brasileiro, residente em Quixadá-CE. Email: pedro.silva@uece.br

"revolucionário", na qual ele rechaça segunda concepção do marxismo evolucionista vulgar.

Do contrário, Benjamin entende a revolução proletária como um salto para fora da história possibilitando a emancipação do presente, este, liberto das amarras das repetições do historicismo, fixa os homens na condição de liberdade para que eles busquem um sentido novo para o futuro. Portanto, esse movimento contínuo com a respectiva proposta é o conceito central da socialdemocracia que corrompeu e desviou a consciência proletária do intento revolucionário.

## REFERÊNCIAS

BAPTISTA, Luis Antonio; LIMA, João Gabriel. **Itinerário do conceito de experiência na obra de Walter Benjamin**. Princípios – Revista de Filosofia. N° 33, 2013.

BARRENTO, João (Organizador e tradutor). **Walter Benjamin: o anjo da história**. São Paulo: Autêntica, 2012.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política. Ensaios sobre literatura e história da cultura** (Obras escolhidas – Volume 1). São Paulo: Brasiliense, 1987.

\_\_\_\_\_. **Rua de mão única** (Obras escolhidas – Volume 2). São Paulo: Brasiliense, 1987.

\_\_\_\_\_. **O capitalismo como religião**. São Paulo: Boitempo, 2012.

\_\_\_\_\_. **Sobre o conceito de história**. São Paulo: Alameda, 2020.

\_\_\_\_\_. **Passagens**. Belo Horizonte: UFMG, 2007.

CARDOSO, Adriano Costa. **História e crítica ao neokantismo em Walter Benjamin**. Dissertação de mestrado. Universidade Estadual do Ceará. 2015.

Mestrando do programa de pós-graduação em Filosofia da UECE. Bacharel em serviço social. Brasileiro, residente em Icó-CE. Email: iderlande7@gmail.com

Doutor em políticas e formação humana pela UERJ. Mestre em educação brasileira pela UFC. Graduado em Ciências Sociais. Professor da UECE. Brasileiro, residente em Quixadá-CE. Email: pedro.silva@uece.br

DE ANDRADE, Patrícia Helena Baialuna. **Fronteiras da subjetividade e a representação da realidade em Anna Seghers**. Itinerários – Revista de Literatura. Nº 49, 2014.

DE SOUSA, J. Francisco Saraiva. **Walter Benjamin: progresso e pobreza de experiência**. Revista Desenredos. Nº 12, 2012.

GAGNEBIN, J.-M. **Teologia e Messianismo no pensamento de W. Benjamin**. *Estudos Avançados*, 13(37), 191-206, 1999.

IBIAPINA, Ana Célia Torres; LIMA, Eliude Ferreira. **Benjamin e seu conceito de história: um olhar messiânico**. Caderno Walter Benjamin 17, 2016.

LEITE, Augusto Bruno de Carvalho Dias. **A idéia de história em Walter Benjamin: o passado, a forma e a tradução**. Dissertação de mestrado – UFMG, 2013.

LOUREIRO, Isabel. **A revolução alemã**. São Paulo: Editora Unesp, 2005.

KONDER, Leandro. **Benjamin e o marxismo**. Scielo, 2004.

\_\_\_\_\_. **Walter Benjamin: o marxismo da melancolia**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

LÖWY, Michael. **Walter Benjamin: aviso de incêndio: uma leitura das teses “sobre o conceito de história”**. São Paulo: Boitempo, 2005.

LOUREIRO, Isabel. **A revolução alemã**. São Paulo: UNICAMP, 2005.

LUXEMBURGO, Rosa. **Reforma ou Revolução**. São Paulo: Expressão Popular, 2002.

MACHADO, Francisco de Ambrosio Pinheiro. **Imagem e Consciência da História: pensamento figurativo em Walter Benjamin**. Tradução: Milton Camargo Mota, São Paulo: Edições Loyola, 2013.

MEDEIROS, Tito Barros Leal de Pontes. **Como um anjo olha o progresso? Contribuições de Walter Benjamin ao pensamento historiográfico**. Polymayéia Revista de filosofia. v. 3 n. 3 (2007): Jan./Jun 2007.

Mestrando do programa de pós-graduação em Filosofia da UECE. Bacharel em serviço social. Brasileiro, residente em Icó-CE. Email: iderlande7@gmail.com

Doutor em políticas e formação humana pela UERJ. Mestre em educação brasileira pela UFC. Graduado em Ciências Sociais. Professor da UECE. Brasileiro, residente em Quixadá-CE. Email: pedro.silva@uece.br

ORTIZ, Renato. **Walter Benjamin e Paris: individualidade e trabalho intelectual.** Tempo Social – Revista de Sociologia (USP). N° 12, 2000.

OTTE, Georg; VOLPE, Miriam Lúcia. **Um olhar constelar sobre o pensamento de Walter Benjamin.** Revista Fragmentos. N° 18, 2000.

SALAMÃO, Carolina. **O discurso dos vencidos: Walter Benjamin e a crise da noção de desenvolvimento.** LUGAR COMUM, Rio de Janeiro, n. 54, JULHO 2019.

SCHLESENER, Anita Helena. **História, política e educação a partir dos escritos de Walter Benjamin.** APRENDER – Cad. de Filosofia e Psic. da Educação. N° 19, 2018.

SILVA, Antonio Wardison C. **Elementos sobre o conceito de história em Walter Benjamin.** Revista de cultura teológica. n. 76 (2011): OUT/DEZ - Ano XIX.

SILVA, Sergiono. **Interrupção e história: Walter Benjamin e Bertolt Brecht.** Revista Teoria da História. Goiânia, v. 15, n. 1, p. 75–87, 2016.

Mestrando do programa de pós-graduação em Filosofia da UECE. Bacharel em serviço social. Brasileiro, residente em Icó-CE. Email: iderlande7@gmail.com

Doutor em políticas e formação humana pela UERJ. Mestre em educação brasileira pela UFC. Graduado em Ciências Sociais. Professor da UECE. Brasileiro, residente em Quixadá-CE. Email: pedro.silva@uece.br